

PALESTRA



Recortes de paisagens urbanas brasileiras: marcos de paisagem e áreas verdes cariocas e paulistanas

YURI TAVARES ROCHA⁽¹⁾

RESUMO

Discutem-se quatro recortes de paisagens urbanas brasileiras e de como estão em relação às suas principais condições ambientais e culturais. Os recortes foram: dois importantes marcos de paisagem urbana – Floresta da Tijuca e Rio Tietê – e duas áreas verdes urbanas muito freqüentadas por seus cidadãos – Lagoa Rodrigo de Freitas e Parque Villa-Lobos – dos mais importantes centros metropolitanos brasileiros – Rio de Janeiro e São Paulo, adotando-se as escalas de análise propostas pelo tema do 5º Simpósio Internacional de Paisagismo: jardins e paisagens.

Palavras-chave: parque, derivação da paisagem, paisagem cultural, São Paulo, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Brazilian urban landscapes: landmarks and green areas of Rio de Janeiro and São Paulo.

This paper makes a discussion about landmarks and green areas and its environmental and cultural characteristics. The landmarks and green areas considered were: two important landmarks of urban landscape – Tijuca Forest and Tietê River – and two urban green areas very frequented by its citizens – Rodrigo de Freitas Lagoon and Villa-Lobos Park – from the most important Brazilian metropolitan regions – Rio de Janeiro (RJ) and São Paulo (SP). This analysis used scales proposals by the subject of 5th Landscaping International Symposium: gardens and landscapes.

Keywords: urban park, landscape derivation, cultural landscape, São Paulo, Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

A cidade é a “forma de concentração social implantada” pelo homem, sendo a ele “outorgada a função de planejar a cidade”, que é “o seu lugar de morada – aglomerado socialmente num dado espaço natural”; também pode ser considerada “centro do espaço humanizado”; “imagem ordenada do universo”; e, ainda, “expressão daquilo que o homem, com seu arbítrio e capacidade organizadora, conquistara ao caos da natureza, ordenando o cosmos que ela pretende ser” (MONTEIRO, 2008).

Nas cidades, o homem desempenha a sua total capacidade de alterar, de derivar os sistemas naturais, podendo ser derivações negativas, aquelas que causam grandes impactos e alterações na natureza, e positivas, que melhoram as condições naturais da paisagem (MONTEIRO, 1978). A paisagem urbana também é o resultado da ação da cultura com o passar do tempo, sendo modelada por um determinado grupo cultural a partir da paisagem natural (MATEO RODRIGUEZ, 2004).

Os centros urbanos são resultados de “(...) uma complexa mistura (ou combinação?) de natureza e cultura numa caprichosa elaboração de uma ordem simbólica, a partir de uma humanização do espaço e do tempo. Espaço cenário que nos abrigue e nos proteja na dinâmica de nossa movimentação cotidiana num tempo cada vez mais precioso” (MONTEIRO, 2008).

A paisagem urbana é um complexo ou mosaico de paisagens naturais e culturais, pois ainda apresenta elementos naturais, modificados de acordo com aspectos culturais, econômicos e sociais, modificações estas vistas, percebidas e vivenciadas de diferentes maneiras, condicionadas pelos mesmos aspectos culturais, econômicos e sociais modificadores da paisagem (ROCHA, 2008).

Como a cidade é, por sua gênese, uma paisagem cultural, ela “tem um passado histórico muito vasto”, cuja intensidade e a velocidade de mudanças tornaram-se maiores “(...) a partir da segunda metade do século XIX e durante o século XX, sobretudo após a segunda grande guerra mundial (1939-1945)”, podendo-se atribuir “(...) à industrialização e aos transportes e comunicações os fatores responsáveis mais decisivos nestas mudanças” (MONTEIRO, 2008).

O processo de urbanização tem se tornado mais complexo e abrangente, fazendo com que “(...) espaços naturais, em vias de crescente retração, são agora valorizados como alívio às agruras da vida urbana. São valorizados como espaços de lazer e turismo” (MONTEIRO, 2008).

A realidade urbana deve ser objeto da “(...) tarefa de planejar, ou seja, elaborar um plano, proceder a um planejamento na cidade. O planejamento é algo tido como indispensável à gestão. Mas, se a ‘cidade’ é algo complexo, o planejar não o é menos. Planejar assenta em prever e prover:

⁽¹⁾ Professor Doutor, Departamento de Geografia/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. Av. Prof. Lineu Prestes, 388 Cidade Universitária São Paulo-SP, Brasil. E-mail: yuritr@usp.br

prever conseqüências e prover recursos materiais. (...) planejar implica em ordenar, regulamentar, restringir, coibir. Toda essa trama complexa que num aglomerado socialmente heterogêneo implicará em favorecimento a uns, contrariedade a outros” (MONTEIRO, 2008).

A urbanização provoca derivações, inclusões, e transformações do meio natural. No Brasil, a consideração das condições específicas dos processos naturais aliada aos grandes progressos tecnológicos na engenharia (...), e com os progressos da arquitetura, tanto nos aspectos de novos materiais (...) e criação artística (...), utilização de cores; quanto àquelas soluções produzidas nos problemas sociais, pela correção das grandes desigualdades de classes, elas poderão conduzir a cidade caótica e angustiante de hoje a novas condições de bem estar” (MONTEIRO, 2008).

Quando se trata da vegetação na cidade, desempenha “(...) funções importantíssimas nos espaços urbanizados. Dentre estas, avulta a ‘infiltração’ atenuando o escoamento pluvial (intenso nas regiões tropicais); abastecendo os lençóis freáticos e mananciais; base indispensável à fauna que lhe é peculiar. Com a variedade de coloração dos verdes entra, não só no jogo da composição estética dos espaços livres, mas possibilita pela sua influência no albedo (índice de reflexão da luz/ absorção do calor) aproveitável no jogo do conforto térmico; etc., etc.” (MONTEIRO, 2008).

Entre várias definições, a paisagem pode ser definida como o quadro paisagístico do vivenciado ou vivido, sendo um “recorte espacial de uma determinada parcela da superfície da terra, cujos atributos naturais e paisagísticos evocam sentimentos de amenidades e recordações vitais, capazes de rápida apreensão e descrição pelo observador” (HARD, 1992 apud GOMES, 2007).

Nesta palestra, proferida no “5º Simpósio Internacional de Paisagismo – os Sentidos: Jardins e Paisagens”, procuramos adotar esta definição de paisagem e, com minha capacidade de apreensão e descrição de observador, discutir quatro recortes de paisagens urbanas brasileiras, dois cariocas, a Lagoa Rodrigo de Freitas e a Floresta da Tijuca, e dois paulistanos, o Parque Villa-Lobos e o Rio Tietê, e como estão, atualmente, em relação às suas principais condições ambientais e culturais.

Estes recortes foram feitos para discutir dois importantes marcos de paisagem urbana – Floresta da Tijuca e Rio Tietê – e duas áreas verdes urbanas muito freqüentadas por seus cidadãos – Lagoa Rodrigo de Freitas e Parque Villa-Lobos – dos mais importantes centros metropolitanos brasileiros – Rio de Janeiro e São Paulo, buscando inspiração nas escalas de análise propostas pelo tema do Simpósio Internacional de Paisagismo de 2010: jardins e paisagens.

2. PAISAGENS CARIOCAS: FLORESTA DA TIJUCA E LAGOA RODRIGO DE FREITAS

No Rio de Janeiro, o Passeio Público inaugurado em 1783 pode ser considerado sua primeira área verde, construído por ordem do Vice Rei, sobre o aterro da Lagoa do Boqueirão, cujo responsável foi Mestre Valentim (Valentim da Fonseca e Silva), considerado o primeiro paisagista brasileiro; já em meados do

século XIX, D. Pedro II encarregou o paisagista e urbanista francês Auguste Glaziou para realizar melhoramentos na paisagem urbana carioca (CAVALHEIRO, 1982).

Também no século XIX, por causa de uma seca, D. Pedro II ordenou a compra de áreas onde existiam nascentes e que houvesse um reflorestamento, a cargo do Major Manoel Gomes Archer, que administrou o processo de revegetação, a atual Floresta da Tijuca (CAVALHEIRO, 1982).

Este marco da paisagem urbana carioca praticamente desapareceu por causa do processo de ocupação das encostas e dos mananciais de água que abasteciam a cidade, ocorrido nos séculos XVII e XVIII, principalmente para o plantio do café; de 1861 a 1889, foram plantadas cerca de 100 mil mudas de árvores nativas e exóticas para a regeneração da floresta (FERREIRA, 2005). Esta iniciativa foi pioneira para uma floresta tropical no século XIX (FREITAS et al., 2006).

Hoje, os 3.972 hectares de floresta formam o Parque Nacional da Tijuca, que já foi chamado de Floresta da Tijuca e das Paineiras e Parque Nacional do Rio de Janeiro; em 1967, recebeu o nome atual, quando as áreas da Floresta da Tijuca, do Morro da Carioca, da Pedra da Gávea e da Pedra Bonita foram unidas para sua formação. O Parque é considerado a maior floresta urbana do mundo e tem grande importância ambiental e cultural para a cidade do Rio de Janeiro, sendo considerado, desde 1991, Reserva da Biosfera, justamente por conservar um dos fragmentos significativos da Mata Atlântica. Mesmo que se encontre ainda em regeneração, garante a proteção das nascentes e conservação de bacias, como a dos rios Carioca e Maracanã que abastecem parte da cidade do Rio de Janeiro; mas, por estar numa região metropolitana, o Parque da Tijuca sofre com poluição e crescimento das favelas (IBAMA, 2010). O Parque Nacional da Tijuca desempenha funções ecológicas e oferece possibilidades para o lazer e o turismo ecológico e cultural, permitindo realizar passeios de bicicleta, trilhas, etc. (FERREIRA, 2005).

É um marco da paisagem urbana carioca (figura 1), recuperado em termos fitofisionômicos e ecológicos das alterações que sofreu em seu processo de ocupação, quando as preocupações ambientais inexistiam, mas que foi fruto de ações precoces aliadas a estas preocupações: recuperar as funções ecológicas e sociais da área e recompor o cenário paisagístico que tinha sido marco de sua paisagem desde a chegada dos europeus no século XVI. É um exemplo positivo que poderia e deveria ser seguido por outras cidades brasileiras com realidades semelhantes, para recuperar e ou conservar marcos naturais da paisagem urbana que, por ser também uma paisagem cultural, deve refletir a preocupação com a questão ambiental urbana. Ou, a sociedade brasileira ainda não se encontra nesse estágio de planejamento da paisagem urbana.

A Lagoa Rodrigo de Freitas, também chamada de Lagoa Sacopenapã (das raízes chatas) e dos Socós, já foi um importante e característico sistema lagunar estuarino natural e está localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, próxima aos bairros Gávea, Jardim Botânico, Leblon, Ipanema e Copacabana (MAGNANI, 2010). Em 1808, D. João encantou-se com a região e criou, próximo à lagoa, o Real Jardim, atual Jardim Botânico; em 1880, sua área era cerca de 380 hectares, mas diversas obras de aterro e urbanização, até

1975, diminuíram sua área (TRANJAN et al., 2007).

Hoje, com quase metade de sua área original, a orla da Lagoa Rodrigo de Freitas (Figura 2) é ocupada por parques (Catacumba, Tom Jobim, Cantagalo, dos Patins) que compõe um complexo esportivo e centro de diversões, além de permitir a prática de esportes náuticos (SACOPENAPÃ, 2010). Outra parte da orla está ocupada por sedes náuticas de vários clubes particulares.

O complexo público da Lagoa Rodrigo de Freitas é uma importante área verde carioca, mas que apresenta inúmeros problemas ambientais: rede de drenagem muito modificada com canalização e retificação de rios, alterando sua contribuição

para a Lagoa; qualidade da água ruim em função do excessivo estoque de nutrientes, pelo grande aporte de matéria orgânica por despejos de efluentes, principalmente domésticos, que se acumulam em função da incapacidade do sistema de exportar esses nutrientes, levando a uma eutrofização da lagoa; aporte de sedimentos, acarretando pontos de assoreamento; alagamentos marginais decorrentes de obstruções do canal do Jardim de Alá em épocas de intensas chuvas, que está assoreado; e, perda das características estuarinas em função da estagnação e uniformização de suas águas, acarretando em redução da biodiversidade e má qualidade ambiental (PROJETO AMBIENTAL LAGOA LIMPA, 2010).



Figura 1. Vista parcial do Parque Nacional da Tijuca, Rio de Janeiro (RJ).

Fontes: http://rioturismoradical.com.br/img/pico_da_tijuca02.jpg.



Figura 2. Vista parcial da Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro (RJ).

Fontes: www.baixaki.com.br/imagens/wpapers/lago.jpg.

Tais problemas causam impactos ambientais, como o ocorrido em fevereiro de 2010: a morte de quase 87 toneladas de peixes, possivelmente pela superpopulação de espécie de alga planctônica, ainda nunca encontrada na Lagoa Rodrigo de Freitas; geralmente isso é causado pelo excesso de chuva, que traz matéria orgânica e aumenta a suspensão de nutrientes, ficando disponíveis para as algas, que se reproduzem muito mais e num curto espaço de tempo (FARIAS, 2010). Em março de 2010, foi realizada audiência pública na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro para discutir medidas de recuperação da Lagoa, entre elas, o “(...) sistema de tratamento de esgotamento sanitário do entorno (*Jockey*, hospitais, clubes, postos de combustíveis e quiosques) e solicitar o detalhamento da aplicação das verbas destinadas ao Projeto Ambiental Lagoa Limpa pela empresa EBX e parcerias do Estado e do Município” (AUDIÊNCIA, 2010). Porém, impactos ambientais não são novidades na história da Lagoa. Por exemplo, em 1939, ocorria proliferação excessiva de plantas aquáticas que “(...) causam dano à vida dos seres marinhos que a procuram para realizarem as fases de sua evolução” (ARAGÃO et. al., 1939, p.460); em 1954, também foi documentada outra “tremenda mortandade de peixes” (OLIVEIRA et al. 1957).

Destes dois recortes, enquanto a Floresta da Tijuca é um símbolo de resgate da paisagem natural dentro da paisagem urbana carioca, um marco de paisagem, a Lagoa Rodrigo de Freitas, cujo entorno é importante área verde, desempenha funções sociais e estéticas, mas ainda tem suas características ambientais desrespeitadas e impactadas pela urbanização em sua vizinhança.

3. PAISAGENS PAULISTANAS: RIO TIETÊ E PARQUE VILLA-LOBOS

A ocupação dos campos de Piratininga, sítio natural escolhido para a construção do colégio jesuítico no século XVI, ocorreu na bacia sedimentar formada, principalmente, pelos rios Pinheiros, Tamanduateí e Tietê, tanto origem a São Paulo, uma das megacidades mundiais; a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) possui cerca de 20 milhões de habitantes e 39 municípios.

O Tietê era um rio utilizado pelos índios para nutrição, recreação, transporte e higiene; os colonizadores utilizaram-no como elemento estratégico para ocupar e controlar vastas extensões a partir de São Paulo, já que o rio nasce perto de São Paulo e cruza todo o Estado (TIZIO, 2008).

Em São Paulo, o Tietê era utilizado para o lazer dos paulistanos até meados do século XX, mas sofreu inúmeras

transformações, com aterros, retificações de seu curso original e intensa urbanização de sua antiga planície de inundação, além de receber efluentes domésticos e industriais, tornando-se um rio com alto índice de poluição e baixo de oxigenação no trecho urbano paulistano. Atualmente, suas margens com cerca de 25 km de extensão (figura 3), desprovidas da vegetação original, são ocupadas por verde de acompanhamento viário e pistas de intenso tráfego de veículos, sendo importante artéria para o sistema viário da RMSP. Vários projetos de despoluição, dragagem e combate às enchentes foram feitos para recuperar sua qualidade ambiental, mas ainda não alcançaram seus objetivos. Pelo contrário, poluição, compactação, aumento do tráfego de veículos e impermeabilização de suas margens continuam ocorrendo, como por exemplo, o recente projeto de ampliação de pistas nas avenidas marginais do Tietê, que acarretou maior área impermeabilizada e remoção de inúmeras árvores. Muito precisa ser feito para recuperar o valor cênico, cultural e ambiental desse marco da paisagem urbana paulistana, reduzido a um lugar de passagem e conexão.

O Parque Villa-Lobos (figura 4), localizado no bairro de Alto de Pinheiros, zona oeste da cidade de São Paulo, ocupa uma área que foi várzea do rio Pinheiros, depósito de lixo da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), de entulhos e de matéria dragada do rio, tendo sua vegetação e geomorfologia originais alteradas pela ação antrópica e pela intensa e veloz dinâmica da paisagem urbana paulistana (PAROLIN, 2009). Em 1987, ano de comemoração do centenário de nascimento do músico e maestro Heitor Villa-Lobos, foram feitos os primeiros estudos para a implantação de um “parque de lazer, cultura e esporte” para recuperar a área de sua antiga função de aterro; sua implantação foi iniciada em 1989, com remoção de famílias, entulhos, movimentos de terra e canalização do córrego Boaçava, que passava pela área; em 2004, foi iniciada a expansão do Parque e plantio de mais árvores, pretendendo-se alcançar, em 2010, o total de 37 mil árvores; hoje, possui 73 hectares, instalações esportivas e bosques com árvores de Mata Atlântica (HISTÓRICO, 2010). É uma importante área verde em sua região.

Destes dois recortes paulistanos, enquanto o Rio Tietê é um marco da paisagem urbana cujas características ambientais e culturais foram desvalorizadas e impactadas, o Parque Villa-Lobos é um exemplo de readequação de uso, cujas vizinhanças estão sendo ocupadas por empreendimentos imobiliários de alto padrão, justamente por essa transformação e requalificação de suas características ambientais, sofrendo uma derivação positiva depois da ação antrópica negativa, constituindo-se numa importante área verde, desempenhando funções ecológicas, sociais e estéticas.



Figura 3. Vista parcial do Rio Tietê em seu trecho urbano, São Paulo (SP).
Fonte: <http://panodajangada.com/2009/10/rio-tiete.jpg>.



Figura 4. Vista aérea do Parque Villa-Lobos, São Paulo (SP).
Fonte: <http://maps.google.com/maps?hl=pt-BR&ie=UTF-8&tab=wl>.

4. REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, H. B. et al. Relatório sobre a situação da Lagoa Rodrigo de Freitas sob o ponto de vista biológico. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v.34, n.4, p.457-479, 1939.
- AUDIÊNCIA pública discute recuperação da lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio** (01/03/2010). Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-e-cidades/>. Acesso em 30 março 2010.
- CAVALHEIRO, F. **O planejamento de espaços livres: o caso de São Paulo**. Revista Silvicultura, São Paulo, v.16a, n.3, p.1819-1830, 1982.
- FARIAS, C. **Algas podem ter provocado asfixia em peixes da lagoa Rodrigo de Freitas, diz governo do Rio** (01/03/2010). Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-e-cidades/>. Acesso em 30 março 2010.
- FERREIRA, A. D. Efeitos positivos gerados pelos parques urbanos: o caso do Passeio Público da Cidade do Rio de Janeiro (RJ). Rio de Janeiro: **Instituto de Geociências: UFF**, 2005. 99p. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental).
- FREITAS, S. et al. Tijuca National Park: two pioneering restorationist initiatives in Atlantic forest in southeastern Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, São Carlos, v.66, n.4, p.975-982, 2006.
- GOMES, E. T. A. **Recortes de paisagens da cidade do Recife: uma abordagem geográfica**. 1. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2007. 356p.
- HISTÓRICO do Parque Villa-Lobos. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/parquevillalobos/historico.php>. Acesso em 30 março 2010
- IBAMA. **Parque Nacional da Tijuca**. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraUc.php?seqUc=7>. Acesso em 30 março 2010.
- MAGNANI, M. **Levantamento da flora e fauna da lagoa Rodrigo de Freitas**. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=../lagoarod.html>. Acesso em 01 abril 2010.
- MATEO RODRIGUEZ, J. M. **Geoecologia das paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. 2. ed. Fortaleza: Editora UFC, 2004. 222p.
- MONTEIRO, C. A. F. Derivações antropogênicas nos sistemas terrestres no Brasil e alterações climáticas. In: SIMPÓSIO SOBRE A COMUNIDADE VEGETAL COMO UNIDADE BIOLÓGICA, TURÍSTICA E ECONÔMICA, 4, São Paulo, 1978, **Anais...**São Paulo, Aciesp, 1978, p.43-74.
- MONTEIRO, C. A. F. O homem, a natureza e a cidade: planejamento do meio físico. **Revista Geografar**, Curitiba, v.3, n.1, p.73-102, 2008.
- OLIVEIRA, L. et al. Observações hidrobiológicas e mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v.55, n. 2, p.211-276, 1957.
- PAROLIN, T. **Ensaio de reconstituição morfológica e fitogeográfica de detalhe na área do Parque Villa-Lobos, em São Paulo (SP)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. 92p. Monografia (Geografia).
- PROJETO AMBIENTAL LAGOA LIMPA. Disponível em: <http://www.lagoalimpa.com.br>. Acesso em 01 abril 2010.
- ROCHA, Y. T. Paisagens urbanas brasileiras e a teoria geográfica da paisagem. In: TERRA, C. G., ANDRADE, R. (orgs.). **Paisagens culturais: contrastes sul-americanos**. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes/UFRJ, 2008, p.123-141.
- SACOPENAPÃ, a lagoa dos cariocas**. Disponível em: http://www.ponte.com.br/concessionaria/dicas/dicas_detalhes.cfm?objectId=5FA73C99-1321-0A28-C5DAEA04F929E. Acesso em 01 abril 2010.
- TIZIO, I. R. D. **Tiête ontem e hoje: preservação ou mudança toponímica e a legislação do ato de nomear: uma proposta de lei**. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. 203p. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral).
- TRANJAN, C. G., SANCHOTENE, I. S., NOGUEIRA, A. A. M., CUNHA, G. G. Estudo da evolução urbana do bairro da Lagoa, Rio de Janeiro, em uma visão tridimensional. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON GRAPHICS ENGINEERING FOR ARTS AND DESIGN, 7, Curitiba, 2007, **Anais...** Curitiba, Graphica 2007, p.1-7.